

REDES DE APOIO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA ENTRE OS IDOSOS QUE MORAM SOZINHOS

Mirela Castro Santos Camargos^{*}
Roberto Nascimento Rodrigues^{**}
Carla Jorge Machado^{**}

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar as relações existentes entre idosos que moram sozinhos e pessoas que integram sua rede de apoio. O universo de investigação foram pessoas acima de 60 anos residentes em domicílio unipessoal, no município de Belo Horizonte (MG), em 2007. Foram utilizadas informações oriundas da aplicação de 40 entrevistas em profundidade realizadas entre maio e julho de 2007. Os relatos revelam que não existiam idosos isolados, mas sim formas distintas de se relacionarem com familiares, amigos, vizinhos e empregados domésticos. Distintas porque não são marcadas apenas por trocas financeiras, mas também, e principalmente, por trocas de carinho.

Palavras-chave: idoso, redes de apoio, família, domicílios unipessoais.

Área: Demografia

* Fundação João Pinheiro.

** Departamento de Demografia, CEDEPLAR/ UFMG.

Nota: Trabalho baseado na tese “Enfim só: um olhar sobre o universo de pessoas idosas que moram sozinhas no município de Belo Horizonte (MG), 2007”, apresentada ao Programa de Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com bolsa do CNPq Brasil.

REDES DE APOIO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA ENTRE OS IDOSOS QUE MORAM SOZINHOS

1. INTRODUÇÃO

São nos extremos da vida, seja na infância ou na velhice, que os indivíduos apresentam uma maior limitação social, passando a depender, algumas vezes de forma vital, da sociedade que os envolve e assiste (Leme & Silva, 2002).

Um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) analisou os arranjos domiciliares dos idosos, apresentando dados comparativos de 130 países (United Nations, 2005). Dentre as principais conclusões do informe destacou-se que: aproximadamente uma em cada sete pessoas idosas (90 milhões) vive sozinha e cerca de dois terços dessas são mulheres; existe uma tendência a favor de modalidades de vida independente (sozinho ou sozinho com o cônjuge), mais consolidada em países desenvolvidos; há uma menor proporção de mulheres idosas casadas, comparativamente aos homens (cerca de 45% *versus* 80%).

No caso do Brasil, a co-residência permanece elevada entre os idosos; contudo, cresce, ao longo dos anos, a proporção de idosos brasileiros morando sozinhos. De acordo com o IBGE (2009), número de idosos que moram sozinhos no Brasil vem aumentando, alcançando a proporção de 13,7% em 2008. A população de 60 anos e mais, em 2006, foi responsável por 40,3% dos domicílios unipessoais brasileiros, sendo que em Minas Gerais essa proporção era de 39,3% e na Região Metropolitana de Belo Horizonte de 34,2% (IBGE, 2007).

A literatura destaca que a formação de arranjos domiciliares de idosos em domicílios unipessoais está quase sempre associada a episódios de ruptura, como a separação ou divórcio, morte do cônjuge e saída ou morte de filho (Berquó & Cavenagui, 1988). Poucos são os casos em que a opção por morar sozinho está ancorada em decisão individual da pessoa, na ausência de perda ou separação de parentes ou amigos com os quais conviviam, especialmente em se tratando do segmento populacional composto por pessoas idosas. Há destaque, também, para o fato de que o aumento na proporção de idosos residindo sozinhos está associado, conforme constatado em diversos estudos, dentre outros fatores, à redução no tamanho das famílias, que acompanha o processo de envelhecimento populacional.

A realidade dos idosos brasileiros que vivem sozinhos ainda é pouco conhecida, assim como daqueles residentes no estado de Minas Gerais. Apesar de velhice não ser sinônimo de doenças ou incapacidades, sabe-se que nessa fase da vida as pessoas tendem a estar mais susceptíveis a problemas de saúde e, conseqüentemente, carentes de apoio. Mesmo que a co-residência não seja um indicador suficiente para medir ajuda, ela pode ser considerada

um importante instrumento facilitador para que as trocas ocorram entre os idosos e seus filhos (Glaser, 1997; Saad, 2004).

Em geral, os estudos que tratam as relações intergeracionais realçam a importância da co-residência nas relações de troca. Neste caso, um idoso que mora com o cônjuge ou com os filhos e netos tenderia a apresentar maiores chances de receber cuidado informal. Os idosos que moram sozinhos, em contrapartida, apesar de participarem das relações de troca estão menos propensos a receber este tipo de cuidado e com maiores chances de receberem cuidado formal. Embora as trocas possam se dar independentemente do arranjo domiciliar do idoso, as que se dão entre os membros de um mesmo domicílio parecem ser mais freqüentes e, talvez por isso, mais discutidas. Ainda se sabe muito pouco dos idosos residentes em domicílios unipessoais, da forma como eles enfrentam as dificuldades do dia-a-dia, como procuram e prestam ajuda e quem faz parte de sua rede de suporte. Essas informações, no entanto, estão quase sempre ausentes das bases de dados disponíveis, uma vez que são mais apropriadamente obtidas por meio de pesquisas qualitativas (CAMARGOS, 2008).

O objetivo deste estudo é investigar as relações existentes entre idosos que moram sozinhos e pessoas que integram sua rede de apoio. O universo de investigação foram pessoas acima de 60 anos, residentes em domicílios unipessoais, no município de Belo Horizonte (MG), em 2007. Para explorar diferentes aspectos relacionados ao idoso que mora sozinho e sua rede de suporte, foi conduzida uma pesquisa qualitativa.

2. IDOSOS E SUAS REDES DE APOIO

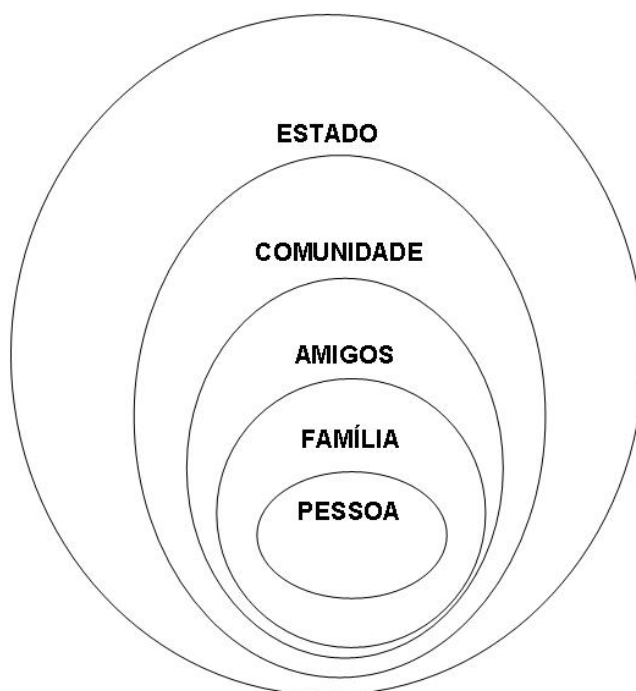
As transferências podem ser consideradas como um fluxo de recursos, ações e informações que se troca e circula. Segundo Guzmán & Montes de Oca (2003), existem quatro categorias de transferência ou apoio: material (dinheiro, alojamento, roupa, comida, pagamento de serviços), instrumental (cuidado, transporte, serviços domésticos), emocional (afetos, companhia, empatia, reconhecimento, escuta) e cognitivo (trocas de experiências, informações, conselhos). Em relação às fontes de apoio, os autores distinguem as formais, com objetivos específicos e profissionais ou voluntários que garantam suas metas, das fontes informais, constituídas por redes pessoais ou comunitárias não estruturadas como programa de apoio. Na FIG. 1 estão esquematizadas as diferentes fontes de apoio que os indivíduos podem receber.

As relações de troca e ajuda mútua entre pais e filhos são o principal fator que tem assegurado, ao longo da história, a sobrevivência nas idades mais avançadas (Saad, 1999). O intercâmbio de ajuda entre pais e filhos tende a se estender ao longo de todo o ciclo de vida familiar, como se existisse um contrato intergeracional que estipulasse o papel de cada membro a cada fase do ciclo.

No caso brasileiro, os cuidados aos idosos são prestados predominantemente por suas famílias e, na falta destas, por amigos e vizinhos (Aquino & Cabral,

2002). Ainda não existem programas formais por parte do Estado para prestar assistência aos idosos que não podem contar com auxílio da família, ou que não possuem recursos financeiros e necessitam de apoio. Para os que não podem contar com a ajuda informal, a institucionalização ainda é a principal alternativa.

FIGURA 1 - Tipos de fontes de apoio existentes na sociedade



Fonte: Guzmán & Montes de Oca (2003, p.8)

Ramos (2002) chama atenção para o fato de que o equilíbrio na relação entre o cuidador e o receptor de cuidado pode promover, de várias formas, melhores condições de saúde para o idoso. Porém, certos desequilíbrios podem desencadear efeitos negativos sobre a saúde desses indivíduos. Neste caso, devido à percepção de dependência, falta de autonomia e inabilidade em retribuir a ajuda recebida, o idoso pode ter sua auto-estima abalada. Assim, quanto mais balanceadas as relações de troca, maiores serão os benefícios físicos e psicológicos para o idoso.

Em estudo realizado com idosos da América Latina, Saad (2004) observou que estes não apenas recebem, como também prestam ajuda na forma de bens, serviços, dinheiro e outros, caracterizando claramente a transferência informal de apoio entre os idosos e a família, especialmente filhos e netos. Por mais que as trocas intergeracionais possam ser consideradas positivas, o autor chama a atenção para dois pontos importantes decorrentes dessa situação. Por um lado, o intenso fluxo de ajuda familiar ao idoso substitui uma parcela importante dos cuidados que deveriam ser fornecidos pela sociedade via instrumentos

formais. Por outro, o fluxo no sentido inverso faz que os filhos, uma importante fonte de auxílio econômico, passem a contar com os idosos, que arcam com o ônus de se tornarem uma fonte de ajuda informal para os seus familiares. Nesse processo de intercâmbio recíproco entre gerações, as transferências são mediadas pelas características, recursos, oportunidades e necessidades de cada geração.

Marteletto & Noonan (2001) investigaram o cuidado infantil fornecido pelas avós no Brasil. Apesar de o estudo não focalizar apenas as avós idosas, pode-se observar a importância das transferências entre as gerações. De acordo com as autoras, uma porcentagem considerável das crianças recebe cuidado das avós. As crianças mais jovens e que vivem em domicílios de menor renda apresentam maiores chances de serem cuidadas pelas avós, se comparado este cuidado com outro tipo de cuidado infantil. Além disso, a probabilidade de a avó cuidar do neto é maior se a mãe da criança trabalha em horário integral. Em relação à co-residência, as autoras destacam que, para os netos que co-residem, as chances de serem cuidados pelas avós diminuem com o aumento da escolaridade da avó.

Paralelamente à discussão das relações de troca entre as gerações, tem-se discutido algumas características dos idosos que participam desse intercâmbio. Além de aspectos socioeconômicos, são abordadas, principalmente, características como sexo e estado conjugal. No que se refere aos aspectos socioeconômicos, a análise de Saad (2004) para idosos residentes em São Paulo, Montevideu, Buenos Aires e Cidade do México mostrou que a renda e a educação associam-se positivamente com a probabilidade de prestar ajuda financeira, e negativamente com a de receber esse tipo de ajuda. A probabilidade de um idoso receber auxílio em dinheiro diminui se ele não possui filhos vivos. Contudo, a ausência de filhos não afeta de forma significativa as chances de ele prestar ajuda financeira. No que diz respeito às diferenças entre os sexos, comparadas aos homens, as mulheres apresentam uma probabilidade significativamente maior de receber e significativamente menor de fornecer ajuda financeira. Ademais, observou-se que, apesar de as mulheres apresentarem maior risco de relatar dificuldade em atividades básicas e instrumentais da vida diária, se comparadas aos homens, a probabilidade de receber auxílio entre os que reportam dificuldade não difere significativamente entre homens e mulheres.

Ainda no que diz respeito ao sexo do idoso, Larsson & Thorslund (2002) analisaram as diferenças em relação ao tipo de cuidado recebido, formal ou informal, por idosos residentes em áreas urbanas na Suíça. Os resultados indicaram que, quando controlado apenas por incapacidade funcional e cognitiva, os homens tendem a apresentar menores chances de receber apoio formal (67%), se comparados às mulheres. Entretanto, ao se controlar por arranjo domiciliar, observa-se que as diferenças entre os sexos praticamente desaparecem. Segundo os autores, as diferenças em relação ao cuidado formal e informal se dão em relação ao tipo de estrutura domiciliar e não em relação ao sexo do idoso.

Outro aspecto a se considerar nas relações de troca é o efeito da estrutura domiciliar, uma vez que ela, mais do que o sexo, parece influenciar o tipo de

ajuda recebida, mesmo que existam diferenças em quem presta o cuidado ao idoso. No caso do estudo de Larsson & Thorslund (2002), se comparados aos idosos que moram sozinhos, aqueles que moram com o cônjuge e com outros parentes apresentam chances significativamente menores de receberem apoio formal, 81% e 68%, respectivamente. Em contrapartida, para os que moram sozinhos as chances de receberem apoio informal são menores. Entretanto, apesar de não existirem diferenças entre os sexos em relação ao tipo de apoio recebido, existem diferenças em quem presta auxílio informal ao idoso. Neste caso, os homens são assistidos preferencialmente pelas esposas, ao passo que as mulheres contam principalmente com a ajuda dos filhos, como apontado em estudo para o Brasil (Camargos, 2004).

Segundo Aquino & Cabral (2002), de modo geral, os homens se beneficiam mais do que as mulheres da “proteção à saúde” decorrente do casamento, pois as mulheres idosas, mesmo fragilizadas, oferecem assistência ao cônjuge e demais membros da família. Assim, o apoio dos filhos é oferecido em maior medida às mães idosas do que aos pais, que geralmente são casados, já que o índice de viuvez é mais alto entre as mulheres, devido à própria sobremortalidade masculina.

Sobre os divorciados, Pezzin & Schone (1999) argumentam que existem efeitos negativos ao final do ciclo de vida decorrentes do rompimento do casamento. Os idosos divorciados apresentam menor nível de co-residência e recebem menor número de horas de cuidado informal por parte de seus filhos adultos, com maior impacto sobre os pais idosos em relação às mães idosas. Já em relação às pessoas idosas que nunca se casaram ou tiveram filhos, Larsson & Silverstein (2004) assinalam que, em geral, elas desenvolvem, ao longo dos anos, uma espécie de estratégia de estilo de vida independente extrafamiliar, ampliando suas relações com amigos e garantindo a manutenção de uma vida independente na velhice. Nesse caso, idosos que mantêm um contato freqüente com os amigos apresentam maiores chances de receber apoio informal, se comparados aos que não mantêm. Além disso, idosos que não apresentam suporte social de familiares e amigos tendem a ter mais dificuldade para lidar com situações de estresse do que aqueles que possuem tal suporte (Ramos, 2002).

3. FONTE DE DADOS E METODOLOGIA

Para explorar diferentes aspectos que condicionam a vida de idosos que moram sozinhos, foi conduzida uma pesquisa qualitativa em 2007, cuja população-alvo foi composta por idosos, de 60 anos e mais, de ambos os sexos, residentes em domicílios unipessoais no município de Belo Horizonte. O presente estudo utiliza informações coletadas nessa pesquisa para explorar as relações existentes entre idosos que moram sozinhos e pessoas que integram sua rede de relacionamento e suporte.

A escolha de Belo Horizonte, situada na porção centro-sul do estado de Minas Gerais, se justifica pela possibilidade de contrastar o estilo de vida de uma grande metrópole brasileira com características da tradicional família mineira

na qual a população idosa atual parece ainda se sustentar. A opção pareceu apropriada dentro desta discussão das mudanças de valores das famílias e da sociedade. Afinal, trata-se de uma população idosa que nasceu e cresceu em um tempo no qual a família era a responsável direta pelo bem-estar de seus membros na velhice e hoje está diante de uma transformação, seja pelas dificuldades impostas pela redução do tamanho da família, seja pela crescente difusão de um modo de vida pautado pelo individualismo.

Em razão da sua natureza qualitativa, este estudo não teve como uma das suas preocupações centrais a utilização de informações provenientes de uma amostra estatisticamente representativa da população idosa do município de Belo Horizonte. Houve, sim, o empenho em incluir um número de entrevistados tão grande quanto possível, mas sem comprometer a qualidade da coleta de dados ou aprofundamento dos aspectos analisados. Optou-se também por adicionar, intencionalmente pessoas de diferentes características sociodemográficas e de saúde e residentes em diversas áreas do município. Assim, para selecionar os entrevistados, decidiu-se trabalhar com idosos das nove regionais administrativas do município, sem uma pré-seleção por características individuais como renda, estado conjugal, sexo ou idade. No entanto, na medida em que se optou por trabalhar com um número maior de idosos e com diversas regionais, perfis distintos foram se delineando, tendo em vista que a distribuição da população no espaço é influenciada por fatores de natureza socioeconômica. Resumindo, tais procedimentos garantiram não apenas que os diversos aglomerados espaciais do município fossem contemplados, mas também que houvesse representação, entre os idosos entrevistados, dos diversos segmentos socioeconômicos que compõe a população idosa do município.

Inicialmente, foi feito um mapeamento, por regionais, dos idosos residentes no município de Belo Horizonte, empregando os dados do Censo Demográfico de 2000. Com isso, foi possível observar como os idosos se distribuem entre as diferentes regionais, para servir de referência no momento de buscar e selecionar os participantes. As entrevistas foram realizadas entre maio e julho de 2007 e a amostra deste estudo foi composta por 40 idosos.

Para garantir a confiabilidade das entrevistas foi ministrado a todos os entrevistados o Mini Exame do Estado Mental (MEEM), que avalia o estado cognitivo do respondente (Bertolucci et al, 1994). O objetivo da aplicação do MEEM foi incluir na amostra apenas aqueles indivíduos que não apresentavam déficits cognitivos. Dada a importância do bem-estar psicológico nas respostas fornecidas pelos entrevistados, também foi aplicada para todos os participantes a versão brasileira da Escala de Depressão Geriátrica (EDG) reduzida, utilizada para o rastreamento de sintomas depressivos em idosos (Almeida & Almeida, 1999). Durante a pesquisa havia dois instrumentos para coleta de dados. Na primeira parte, era aplicado um questionário que continha perguntas sobre características demográficas, socioeconômicas e de saúde, além das questões do MEEM e da EDG-15. Já na segunda parte ocorria a entrevista em profundidade. Nas entrevistas em profundidade foi empregado um roteiro que serviu como guia para captar as impressões dos entrevistados sobre temas específicos e ao mesmo tempo não eliminar possibilidades discursivas. Este roteiro foi formulado com base nos objetivos do trabalho e, para sua confecção,

foram realizados dois pré-testes, a fim de testar as perguntas elaboradas, observar a necessidade de incorporar novas questões, marcar o tempo da entrevista e deixar a entrevistadora mais familiarizada com o roteiro.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. As entrevistas foram gravadas e durante a transcrição foram empregados nomes fictícios para as pessoas, a fim de preservar a identidade dos entrevistados e seus conhecidos. Para facilitar a organização dos códigos e a pesquisa de temas dentro da base de dados foi utilizado o programa NVivo 6. Este software, assim como a maioria dos programas voltados para a pesquisa qualitativa, utiliza o princípio da codificação. Os códigos são armazenados em “nós”, que funcionam como recipientes para armazenar a codificação do material analisado. Esses “nós” representam categorias ou conceitos e o seu conjunto forma uma árvore (index tree root), na qual todos os “nós” estão dispostos de forma hierárquica e relacional. O programa trabalha com duas janelas distintas, sendo uma para armazenamento dos dados analisados e outra onde os “nós” ficam registrados (Teixeira & Becker, 2001; Weitzman & Miles, 1995).

A criação dos “nós” baseou-se em nove blocos principais de análise: (1) características do indivíduo, (2) motivos para morar sozinho, (3) experiência de morar sozinho, (4) saúde, (5) renda (6) futuro, (7) rotina, (8) ajuda e (9) participação de outros. Neste estudo foram utilizadas, primordialmente, informações dos dois últimos blocos, baseados nas seguintes perguntas do roteiro de entrevistas:

- A. O(a) senhor(a) costuma receber muitas visitas? De quem? De quanto em quanto tempo?
- B. Como o(a) senhor(a) faz quando está doente? Alguém lhe ajuda?
- C. O(a) senhor(a) tem que pagar pela ajuda desta pessoa?
- D. O(a) senhor(a) possui algum plano de saúde? Como faz para marcar consultas? Costuma ir sempre ao médico ou fazer tratamentos de saúde? De quanto em quanto tempo? Geralmente, o(a) senhor(a) vai sozinho(a)?
- E. Como o(a) senhor(a) costuma fazer para comprar alimentos, comida e roupa? E para comprar remédios? Com que frequência o senhor costuma sair de casa para fazer compras ou adquirir remédios? Como o(a) senhor faz para sair de casa?
- F. E quando o(a) senhor(a) precisa de dinheiro seja para comprar comida, roupa, medicamentos, um presente ou pagar algum serviço que fizeram em sua casa, o que costuma fazer?
- G. Quem é a principal pessoa que lhe ajuda? Que tipo de ajuda é esta?
- H. O(a) senhor(a) gosta ou se sente incomodado(a) em receber ajuda de outras pessoas? Por quê?

- I. O(a) senhor(a) ajuda alguém com dinheiro? Quem? Esta pessoa lhe ajuda com alguma coisa?
- J. E com cuidado de netos ou com tarefas de casa, o(a) senhor(a) ajuda alguém? Quem? Esta pessoa lhe ajuda com alguma coisa?
- K. Nesse caso, o(a) senhor(a) gosta ou se sente incomodado(a) por ajudar outras pessoas? Por quê?
- L. Em geral, as pessoas que lhe ajudam ou podem lhe socorrer no caso de uma necessidade moram perto da sua casa? Quanto tempo elas demoram para chegar aqui? É fácil encontrá-las em caso de uma necessidade?

As impressões gerais são destacadas e alguns trechos são apresentados na análise das entrevistas.

4. O PERFIL DOS IDOSOS ENTREVISTADOS

Assim como no conjunto da população idosa que vive sozinha, a grande maioria dos idosos entrevistados foi constituída por mulheres e apenas 15% dos entrevistados pertencem ao sexo masculino. A idade média dos entrevistados foi de 74,9 anos, variando de 60 a 94 anos. O tempo que o idoso morava sozinho variou de 3 meses a 54 anos (média de 14,7 anos).

Com exceção de uma entrevistada que vivia no local em que trabalhava, todos os demais entrevistados antes de morarem sozinhos viviam com pelo menos um familiar (pais, irmãos, tios, cônjuge/companheiro, filhos, genros/noras e netos). A metade dos entrevistados vivia com o cônjuge ou companheiro antes de morar só e 45% do total vivia somente com esta pessoa. Do total de entrevistados 52,5% eram viúvos, 27,5% solteiros e 20% separados ou divorciados.

A minoria dos entrevistados (12,5%) era analfabeta e a renda mensal dos idosos variou de 1 a 23,7 salários-mínimos (SM). A metade dos entrevistados tinha rendimento mensal de até 2,6 SM e 25% ganhava um salário mínimo. Quanto à presença de ajuda paga para auxiliar nas atividades domésticas, observou-se que, apenas 17,5% dos entrevistados contavam uma empregada doméstica diariamente. Já 40% contavam com auxílio de faxineira, seja ele mensal (5%), quinzenal (17,5%) ou semanal (17,5%). Um percentual expressivo (42,5%) realizava os trabalhos domésticos sem ajuda de terceiros.

Dos entrevistados 62,5% continuaram na mesma região em que viviam antes de morar sozinhos e 47,5% permaneceram na mesma residência. Em relação à distância da residência dos parentes com maior vínculo com o entrevistado, observou-se que 25% morava muito próximo (na mesma rua), 10% próximo (no mesmo bairro), 55% distante (em outro bairro) e 10% muito distante (em outra cidade). De um modo geral, todos os idosos se relacionavam com parentes, mantendo encontros freqüentes ou contatos por telefone, com exceção de duas senhoras que foram adotadas quando crianças.

Com relação à forma que os idosos percebem a sua saúde, observa-se que 65% tinha uma avaliação positiva. A este respeito, Alves (2004), analisando idosos do município de São Paulo, observou que aqueles que moram sozinhos avaliam a sua saúde mais positivamente, se comparados aos que vivem acompanhados, mesmo após controlar por sexo e idade. Outros estudos também demonstraram que auto-avaliar a saúde negativamente reduz as chances de idosos morarem sozinhos (Camargos, Machado & Rodrigues, 2006, 2007).

5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Morar sozinho não é algo que as pessoas aprendem, assimilam ou decidem ao nascer. Trata-se de uma condição posterior, geralmente fruto de decisão individual, na maior parte das vezes marcada por episódio de ruptura ou perda.

Ruptura ou continuidade, a maior parte dos idosos entrevistados optou por morar sozinha em razão de morte, separação ou casamento de pessoas com as quais residiam, o que evidencia ao menos um misto de necessidade ou involuntariedade marcando a decisão. Como elas, em geral, declararam ter a possibilidade de se juntar a outros familiares ou amigos, a decisão, ainda que “forçada”, representa uma certa ruptura com o estilo de vida domiciliar que vinham experimentando.

É certo que dificilmente uma pessoa vive completamente isolada. Para sobreviver, o convívio com parentes e amigos torna-se fundamental para os idosos. Os entrevistados relataram que aprenderam a morar sozinhos e contornar problemas com o suporte de familiares e vizinhos.

Instigados a falar sobre as relações de troca com familiares e amigos, os idosos que participaram das entrevistas em profundidade deixaram transparecer, de maneira inequívoca, que, nesse quesito, dinheiro é menos importante. Aliás, a questão financeira foi muito pouco mencionada para ilustrar a interação dos idosos que viviam sozinhos com os seus parentes e amigos. Ao invés disso, sobram relatos descrevendo formas distintas dessa interação ou relacionamento, quase todas pontuadas por doses de afeto e carinho que os idosos entrevistados deram pistas de buscar desfrutar com parcimônia, como se estivessem lidando com um recurso escasso ou não renovável. Talvez por isso tenha surgido, constantemente, a preocupação em evitar incomodar ou usufruir com intensidade os bens ou serviços que lhes eram oferecidos.

Houve, sim, relatos, minoritários, daqueles que viam a ajuda dos familiares como uma justa retribuição à atenção, cuidado e recursos financeiros que eles (os idosos) lhes haviam propiciado ao longo da vida. Mas a percepção hegemônica foi aquela que entendeu as relações de troca não como algo financeiro, mas sim como intercâmbio de sentimentos.

Às vezes eu fico assim um pouco... como é? Encabrunhada, num sei. Porque... elas [a irmã e a sobrinha] me dão um dinheiro e eu fico sem liberdade de gastar. Porque às vezes ela pode pensar: Puxa! Eu tô ajudando tá fazendo outras coisas, né? Porque eu sentia isso das

peessoas. Quando você dá uma coisa você tá vendo o gasto por outro lado. É difícil ajudar, né? É muito difícil ajudar. Mas eu passo por cima porque elas têm obrigação comigo. Eu trabalhei muito para elas.

(Amélia, 78 anos, solteira, renda de 2 SM, mora sozinha há 14 meses)

Eu não, a obrigação é deles. Eu criei, num criei? Eu acho que eles tá fazendo mais do que obriga... ainda tá pegando o boi [porque não possui problemas de saúde]. Porque tem muitos aí, meu filho chega aqui, fica assim: é mamãe! Eu sou muito feliz de ajudar a senhora, sabe porque? Meu colega lá recebe fica assim: é isso! Esse dinheiro aqui é da minha mãe comprar remédio e ainda num dá. Eu falei: então, meu filho, levanta a mão pro céu. Ele falou: eu levanto mesmo. Não, se a senhora precisasse eu ajudava com o maior prazer. Eu falei: prazer? É obrigação. É. E ainda me dá dinheiro às vezes aí. E eu não peço.

(Elza, 77 anos, viúva, renda de 1 SM, mora sozinha há 8 anos)

Num gosto não. Porque eu acho que eu estou... pondo eles apertado, sabe? Só quando eles, quando pode mesmo. Só quando... quando oferece, né? É... eu sou completamente diferente dessa outra minha irmã gêmea.

(Laura, 70 anos, solteira, renda de 3,2 SM, mora sozinha há 3 anos)

Fico, me incomoda. Engraçado que me incomoda. Não sei. Me incomoda. Você chega no supermercado e fala assim: ah! Meu Deus, mas, o dinheiro não é meu. Eu já tava acostumada, por exemplo, quando eu era mais nova. Eu ajudava meu pai. Ajudava nas despesas. Ajudava comprando roupa e sapatinho para os menores. Ajudava demais. (...) Aí, quando veio a ajuda, eu acho: ah! Meu Deus, oh! Coitada, ela tá sacrificada. Ah! Não, num vou comprar isso tudo não. Vou comprar menos.

(Antonina, 70 anos, separada, renda de 2,1 SM, mora sozinha há 7 anos)

Com isto, neste tópico das entrevistas em profundidade ouviu-se mais de amor do que de dinheiro, mais de ajuda fraterna do que de ajuda financeira, e muito mais de sentir-se acompanhado, mesmo residindo em domicílio unipessoal, do que de estar só, em decorrência de morar sozinho.

Foi possível observar pela análise das entrevistas que não existiam idosos isolados e sim formas distintas de se relacionar com familiares e amigos. Os casos iam desde aqueles que possuíam amplo suporte da família àqueles em que os idosos poderiam ter um pouco mais de apoio, mas evitavam incomodar ou depender de outras pessoas, ainda que em situações extremas, de necessidade, existissem familiares e/ou amigos para lhes socorrer. É certo, porém, que o tipo e a extensão da ajuda recebida dependiam da gravidade do quadro de saúde e das necessidades materiais do idoso e de sua afinidade e proximidade com parentes e amigos.

A maioria dos idosos entrevistados relatou que não sentia isolamento nem solidão morando sozinhas. Constatação idêntica também foi observada por Capitanini (2000), no seu estudo com idosas residentes em Poços de Caldas (MG). Segundo a autora, as idosas se descreveram como pessoas altamente

satisfeitas com a vida, que tinham uma boa velhice, uma vez que decidiram viver sós. Elas indicaram os filhos como as relações mais significativas e os amigos como os mais efetivos para o bem-estar psicológico. Para lidar com a solidão as idosas disseram adotar mecanismos compensatórios relacionados à espiritualidade e à atividade social. Esses mesmos mecanismos, bem como a interação com familiares e amigos, parecem ser utilizados também pelos idosos entrevistados no presente estudo.

No que diz respeito às dificuldades advindas da necessidade de arrumar a casa, preparar refeições, cuidar das roupas, fazer compras, entre outras atividades domésticas, os idosos entrevistados possuíam algumas estratégias para facilitar o cuidado e depender o mínimo possível ou até ser totalmente independentes da ajuda de terceiros. Em momento algum houve menção de qualquer entrevistado a auxílio oferecido por órgãos do Estado ou organizações comunitárias, mas ficou claro que na ausência ou insuficiência de ajuda dos familiares surgiu, com frequência, a menção à presença de vizinhos, amigos e voluntários, além de pessoas prestadoras de serviços remunerados que, vale ressaltar, representou a minoria das situações relatadas.

Eu, aqui, até, até o supermercado daqui de casa é um pedacinho, né? Então... tem um... um anjo da guarda que chama seu Léo. É o anjo dos idosos. Seu Léo é o seguinte: ele tem um carro, era um carro desse Chevrolet antigo, velho, empoeirento, feio, horroroso. Mas, o seu Léo, eu tenho o celular, eu falo: seu Léo, eu tô indo comprar lá no supermercado. Eu fazia a compra... eu faço compra pra dois meses. Seu Léo ajudava a empacotar, levava pro carro. Colocava no carro eu vinha na frente com ele. Como uma madame na frente daquele Chevrolet horroroso... [risos] Chegava aqui, chega aqui ele põe as compras aqui dentro. Ele carrega, eu num carregou. Então, essa, essa... eu, eu descobri isso, que tinha essa pessoa que fica ali no supermercado e que faz esse serviço. Inclusive agora mudou o carro, tá bem melhor. Que o outro carro era uma tristeza. [risos] Então pra mim isso, eu arrumo essa saída.

(Cássia, 68 anos, viúva, renda de 10,5 SM, mora sozinha há 7 anos)

Às vezes quando tem uma oferta de leite longe aí eu vou. Às vezes eu vou até duas vezes pra poder trazer. (...) Não, trazer, quando eu... no, no supermercado num entrega, eu peço, arranjo um menino ali e pago... Uns trocadinho. Eles trazem. É. (...) Porque toda vida eu fiz. Mas, eu agüentava trazer assim e tudo. Agora não, agora eu tenho que comprar, por exemplo... tem uma oferta de um arroz, eu tenho que comprar só o arroz, e às vezes é longe. Eu tenho... aí, eu peço a... pra quem... que às vezes é longe do ponto do ônibus, eu peço uma pessoa, me ajuda levar até ali no ponto do ônibus. Aí, do ponto do ônibus aqui é fácil de trazer. (...) Às vezes eu deixo ali na farmácia, deixo... o filho dela [vizinha]... vai lá em cima e busca pra mim.

(Vera, 79 anos, viúva, renda de 1 SM, mora sozinha há 30 anos)

De 15 em 15 dias. É de confiança [a faxineira]. É mesmo que uma pessoa da família, né? Ela gosta muito de mim. (...) Agora quando tem que fazer uma compra assim... pacote de arroz, essas coisas que é mais pesada, a [faxineira] me ajuda, no dia que ela vem. Ela vem aqui... Eu faço assim, hoje por exemplo... eu olho o que precisa, quando ela vem eu, eu... sábado eu vou pedir ela pra me ajudar a comprar arroz. Porque... o arroz é

pesado. Mas, um pacote de arroz pra mim dá pra três meses. (...) Teve um dia, que eu pedi a [faxineira] pra ir comigo, é... que ela tava disponível é... essa menina que trabalha comigo. Que foi uma [consulta médica]... foi a seis horas da tarde lá na, na [rua] Carijós, e eu fiquei com medo de ir lá sozinha. No centro, seis horas é muito tumultuado, né? (...) Agora no dia que eu fui fazer o mapeamento de retina, aí eu fui mais [faxineira] tava no sábado, foi no sábado a uma hora que eu fui fazer. E tinha que pingar muito remédio. Aí, eu pedi a [faxineira], pra ir comigo, mas correu tudo bem. (...) Ela falou que vai dormir comigo [após cirurgia de catarata]. Eu vou dar ela uma gratificação, né? A cirurgia ela disse que vai.

(Estela, 79 anos, solteira, renda de 2,1 SM, mora sozinha há 32 anos)

Como mencionado, a análise das entrevistas revelou que nenhum idoso vive isolado, mas existia, sim, uma interação entre eles, seus familiares, amigos, vizinhos e empregados domésticos. Assim, o seu bem-estar estava diretamente ligado ao bem-estar e disponibilidade daqueles que o cercavam. Eram estas pessoas que lhes auxiliavam quando estavam doentes, quando precisavam de acompanhamento para determinados tratamentos de saúde, de fazer uma compra mais pesada ou mesmo de dinheiro para pagar certas despesas. Nem todas as pessoas que faziam parte de sua rede de relacionamento possuíam condições financeiras e tempo disponível para lhes ajudar, porém o afeto e a certeza de ter alguém a quem recorrer em momentos considerados importantes eram tidos como fundamentais para a sua satisfação pessoal e sobrevivência.

O suporte financeiro pode ser considerado vital para aqueles idosos que o recebiam e ocorria independentemente se eles tinham filhos. As principais pessoas que ofereciam este tipo de auxílio eram os filhos, sobrinhos, irmãos e amigos. Todos os entrevistados que declararam que recebiam ajuda mensal em dinheiro como forma de complementar a renda e cobrir gastos possuíam um rendimento inferior a 2,6 SM.

A maioria dos idosos declarou não receber auxílio financeiro, mas de carinho, vindo de parentes, amigos e empregados domésticos. No caso de empregados domésticos ou faxineiras cabe destacar que, devido aos fortes laços de confiança, de amizade e de carinho, construídos ao longo dos anos, a ajuda superava o que a simples remuneração poderia cobrir. Assim, de um modo geral, os idosos que recebiam ajuda financeira eram aqueles de menor renda, que muitas vezes não apresentavam boas condições de saúde e precisavam arcar com despesas como medicamentos, alimentação e até mesmo moradia. Esses idosos recebiam ajuda tanto financeira como na forma de cuidado e atenção. Contudo, mesmo possuindo renda elevada os idosos não estavam excluídos de receberem ajuda. Esta ajuda era obtida na forma de cuidado, companhia, atenção e auxílio para realizar determinados serviços, e era bastante valorizada.

Liguei pra ela [vizinha] e falei: Vem cá que, que eu caí. Na mesma hora a casa ferveu de gente. Você precisa de ver como eles são bons pra mim. Sabe? Um traz comida, outro leva a roupa. Essa [cozinheira] juntou as roupas e levou tudo. Lavou, traz passado. Outro vem arruma o barracão, limpa tudo, sabe? Que é... você precisa de ver, traz comida pra mim, traz

tudo. Eu não passo falta de nada se eu ficar na cama aqui. Nada. É. Minhas vizinhas são boas demais [com ênfase], mas também tudo que precisa é comigo. (...) Eu já operei uma vez, tive que ficar 20 dias na cama, e aí a minha irmã me levou lá pra casa dela [em um bairro distante], sabe? Ela é minha madrinha. Aí, ela me levou porque eu... eu... essa cirurgia eu tinha que... é... tomar dois, três banhos por dia, e era na bacia e eu num dava conta, sabe? Porque num podia ser no chuveiro.

(Margarida, 66 anos, separada, renda de 1,3 SM, mora sozinha há 31 anos)

Forma de ajuda é a solidariedade que eles me prestam, né? Eles não me abandonam não. Eles dão testemunho assim de que eu sou uma pessoa que... cara pra eles. Que eu represento uma, um... um dado... um peso grande na, na... na vida deles. E sinto mesmo que o dia que eu morrer eles vão sentir falta, muita falta de mim, sabe? (...) Mais seria então essa troca de carinho... essa... Ah! Nossa, nossa causa é só amor.

(Antônio, 77 anos, separado, renda de 6,6 SM, mora sozinho há 25 anos)

Tem essa [amiga] quem paga minha, meu [plano de saúde]. Tem uma outra, ela deposita no banco pra mim ela põe 100 [0,26 SM]. E tem uma no Rio.(...) Essa que me deu o cachorrinho, me dá uma assistência... fabulosa [com ênfase], ela manda o motorista, ela dá dinheiro pro motorista, o motorista compra... uma compra de casa. Ainda põe até uma revista, o chocolate que eu gosto, ainda põe 50 ou 20 reais pra mim comprar o cigarro.(...) A família? Num ajuda em nada. Só uma irmã que mora aqui perto. Financeiramente não ajuda não. Mas num é só o dinheiro que conta não. Uma palavra amiga. Ela [a irmã] preocupa comigo. Recomenda pra num sair porque eu tô perdendo o equilíbrio.

(Dulcinéia, 76 anos, solteira, renda de 1,8 SM, mora sozinha há 27 anos)

Hoje uma já telefonou: Como que vai ser? Porque eu vou ficar sozinha ou não, que ela já... fizeram a opção de cada dia uma vir ficar comigo [até se recuperar da cirurgia].(...) Daqui a pouco chega uma. Ela... lava as vasilhas que tá suja, ela, ela faz chá pra mim, arruma... lanche pra mim.

(Madalena, 70 anos, solteira, renda de 1 SM, mora sozinha há 45 anos)

Com carinho, com a dedicação, que é muito importante na vida. Você ter pessoas, você sabe que gostam, que amam, né? Num é?

(Odete, 82 anos, viúva, renda de 21,1 SM, mora sozinha há 7 anos)

Os idosos ofereciam ajuda principalmente a seus familiares, independentemente do grau de parentesco e do município de residência, e em menor número a amigos e vizinhos. O auxílio para parentes que moravam em outras localidades era sempre na forma de dinheiro e, em geral, para ajudar pessoas com problemas de saúde. Apenas uma pequena parte relatou que não oferecia qualquer tipo de ajuda.

Independentemente do nível socioeconômico do idoso ocorriam as transferências de apoio. Os idosos que ofereciam dinheiro podiam ser tanto

alguém com renda mensal de 23,7 SM como uma pessoa que ganhava 1 SM. Assim, mesmo ganhando pouco, se um parente necessitasse de auxílio financeiro o idoso se dispunha a ajudá-lo. Como se pode imaginar, estas ajudas eram de menor valor, mas nem sempre com menor frequência entre aqueles com baixo poder aquisitivo. Quanto ao apoio não financeiro, uma parte considerável dos entrevistados também relatou que auxiliava freqüentemente outras pessoas.

Dá de dinheiro eu só ajudo uma... casa de velhos quando a moça me telefona pedindo ajuda. Às vezes eu dou uns cinco reais pra comprar fraldas, uns trem assim.

(Vera, 79 anos, viúva, renda de 1 SM, mora sozinha há 30 anos)

Eu preencho muito essa, essa parte da minha eu dedico... eu vou falar agora... setenta por cento do meu tempo é pra minha neta. Eu dou aula pra ela, eu tô ensinando, eu tô alfabetizando ela. (...) Pra ela. Da minha... ela é minha alegria, é o, é o... é como se diz, é o meu porto de chegada e o meu porto de partida.

(Cássia, 68 anos, viúva, renda de 10,5 SM, mora sozinha há 7 anos)

Aliás, é engraçado... que ela [enteada que lhe ajuda] já morou aqui comigo. Eu ajudei a criar os filhos... criar os filhos que, que tava tudo pequenininho. E ela fica se sentindo... que eu já fiz muito. Eu falei assim: Não, eu num fiz nada. E aliás eu gosto muito das crianças. Pra mim é uma beleza. Senti muito quando ela saiu daqui. Ajudei muito. Três filhos. Tudo homem, sabe?

(Abadia, 83 anos, viúva, renda de 1 SM, mora sozinha há 2 anos)

Ela [filha] tá fazendo um tratamento, então, o salário dela, coitada! Eu tenho que ajudar ela. Ajudo ela. Ajudo. Compro remédio. Eu... dou dinheiro do remédio. Vejo que ela tá muito apertada, eu pago a consulta.

(Ana, 65 anos, solteira, renda de 2,8 SM, mora sozinha há 6 meses)

Aqui dá 300 reais [0,8 SM] de aluguel. Era alugado. Trezentos reais aqui. Era alugado, mas... Era... ele pediu...pra passar, pra me dar pra mim. É do meu sobrinho. A gente... eu morava, quando eu era menina, eu fui criada com ela [irmã] e eu tomava conta dele, sabe? E ele é... igual filho.

(Margarida, 66 anos, separada, renda de 1,3 SM, mora sozinha há 31 anos)

Geib (2001), ao estudar idosos que moram sozinhos também observou uma preocupação em não incomodar os familiares. Afinal, muitos deixaram claro que preferiam dar a receber ajuda e afirmaram que, não raro, eram eles que auxiliavam os familiares, seja financeiramente ou buscando os netos no colégio, por exemplo.

Assim, como destacaram Rosa (2004) e Ramos (2002), para o idoso pode ser bem menos estressante ofertar que receber apoio. Afinal, aqueles que ofertavam estariam menos expostos à carga negativa de dever obrigação, de saber que muitas vezes o dinheiro que recebiam poderia fazer falta para quem contribuiu. Com efeito, durante as entrevistas, quando o assunto era oferecer

qualquer tipo de auxílio, os idosos se revelaram nem um pouco incomodados. Pelo contrário, para a grande maioria, o ato de ajudar alguém era visto positivamente.

Não. Não. Não. E eu faço é desprendida. (...) Então, dinheiro é muito bom, resolve muitos problemas, mas num é tudo não, né? Então, quando eu me disponho a ajudar alguém, agora mesmo eu tenho uma... uma... uma sobrinha que ela é minha afilhada de batismo. Ela vai pros Estados Unidos que a filha dela tá lá e vai... ela vai ficar lá com a filha que tá esperando neném. Ela tá com uma situação financeira muito boa, sabe? Ela e o marido, então eu dei um dinheirinho pra ela, sabe? Só pra ela... então, eu sou assim, sabe? Eu, eu tenho, eu... eu gosto de ajudar. Se eu pudesse eu ajudaria mais.

(Vanda, 75 anos, viúva, renda de 3,9 SM, mora sozinha há 14 anos)

Mas eu acho, como eu sempre... é, é... vivi pros meus filhos, é, é... a gente se ama tanto, eu me dou tão bem com eles, eles comigo. Eles são filhos maravilhosos, sabe? Eu acho que... cada coisa que eu fiz por eles, cada coisa que eu deixei de fazer pra mim, pra fazer por eles, é... eles me recompensam, sabe? Com o amor que eles me dão, com ajuda que eles me dão, que se não fosse com a ajuda deles eu num... um salarinho num dá pra nada, né? Então, é, é... eu acho que... e também eu acho que isso é uma prioridade, sabe? Fazer alguma coisa por eles, eu acho que é uma, uma prioridade. (...) Eu faço com tanto prazer, com tanto amor, que... num sei, não incomoda de jeito nenhum.

(Emília, 71 anos, separada, renda de 1 SM, mora sozinha há 14 anos)

Ainda sobre as relações de apoio, é importante destacar que nem sempre quem ajudava o idoso era a pessoa que dele recebia auxílio. Existiam casos, por exemplo, em que o idoso ajudava um dos filhos com dinheiro e outro filho era quem lhe apoiava quando estava doente, carente de cuidados. Ou ainda, casos em que o idoso recebia cuidado dos filhos e auxiliava freqüentemente a um irmão. Assim, apesar de o idoso ser ao mesmo tempo doador e receptor de ajuda, nem sempre ocorriam relações de troca direta, talvez porque importasse menos o lado financeiro e mais a questão do sentimento envolvido.

6. CONCLUSÃO

Na maioria dos países, assim como no Brasil, têm se verificado, ao longo do tempo, um número e proporção crescente de pessoas vivendo em domicílios unipessoais em todas as faixas etárias do conjunto da população de 60 anos e mais. Contudo, a realidade desses idosos e a maneira como eles se relacionam com outras pessoas, ainda são pouco conhecidas.

O objetivo deste estudo é investigar as relações existentes entre idosos que moram sozinhos e pessoas que integram sua rede de apoio. O universo de investigação foram pessoas acima de 60 anos, residentes em domicílios unipessoais, no município de Belo Horizonte (MG), em 2007.

A utilização de entrevistas em profundidade com 40 idosos que residiam sozinhos em Belo Horizonte, em 2007, permitiu observar como eles se relacionam com sua rede de apoio e como se dão as trocas, sejam elas por meio de dinheiro, afeto, cuidado. Os principais pontos observados na análise das entrevistas foram:

- A forma, o tipo e a extensão da ajuda fornecida dependiam da gravidade do quadro de saúde e das necessidades materiais do idoso e de sua afinidade e proximidade com parentes e amigos.
- Em relação ao cuidado da casa, os idosos relataram que realizavam apenas uma manutenção da casa e, quando podiam, contavam com a ajuda de terceiros (empregadas domésticas, faxineiras, familiares e amigos) para auxiliar nas tarefas mais pesadas. Quando estavam doentes, estes auxílios se intensificavam de acordo com suas necessidades.
- Quanto às compras, alguns passaram a contar com ajuda de terceiros para realizá-las e outros, mesmo não tendo recursos suficientes, pagavam carregadores para entregá-las ou utilizavam de serviços de táxi.
- Aqueles que possuíam condições para cobrir as despesas contavam com a ajuda de empregadas domésticas ou faxineiras, tidas como peças importantes na vida dos idosos, principalmente aqueles em piores condições de saúde.
- Os idosos que não contavam com empregada ou faxineira eram em sua maioria pessoas com menor renda, que nunca contaram com este tipo de serviço em outros momentos de suas vidas e estavam acostumados a cuidar da casa.
- A relação de apoio se dava tanto de familiares e amigos para o idoso como vice-versa.
- Em relação ao auxílio financeiro, os idosos recebiam ajuda principalmente na forma de dinheiro, medicamentos, roupas, compras de supermercado e pagamento de contas (plano de saúde, condomínio, impostos, aluguel). Em contrapartida, ofereciam por meio de dinheiro, de pagamento despesas com saúde (plano de saúde, consultas, exames, medicamentos), escola, transporte, moradia, alimentação e vestuário.
- Quanto às demais formas de auxílio, os entrevistados relataram que recebiam e ofereciam ajuda principalmente na forma de cuidado, atenção/carinho, companhia e serviços domésticos.
- O suporte financeiro pode ser considerado vital para aqueles idosos que o recebiam e ocorria independentemente se eles tinham filhos.
- Os idosos com renda alta não estavam excluídos de receber ajuda, que era obtida na forma de cuidado, companhia, atenção e auxílio para realizar determinados serviços, e era bastante valorizada.

- Os idosos ofereciam e recebiam ajuda, principalmente, de seus familiares, independentemente do grau de parentesco e do município de residência, e em menor número de amigos e vizinhos.
- Independentemente do nível socioeconômico do idoso ocorriam as transferências de apoio. Assim, o idoso que oferecia dinheiro poderia ser tanto aquele com renda mensal de 23,7 SM como o que ganhava 1 SM.
- Apesar de a maioria declarar que não prestava ajuda no cuidado de netos e/ou sobrinhos na época da entrevista, muitos relataram que já o fizeram no passado. No caso daqueles não tiveram filhos, os sobrinhos que receberam cuidado no passado eram a principal fonte de apoio no presente.
- Existiam casos em que os idosos ofereciam constantemente presentes (como por exemplo, roupas, medicamentos, doces, bolos, carnes, bordados, pneus e dinheiro) às pessoas mais próximas, que freqüentemente lhes ajudavam, funcionando como uma espécie de ajuda “não oficial”.
- Alguns idosos reforçaram a necessidade de ajudar os filhos que ainda não eram estabilizados financeiramente.
- Existiam alguns casos em que as pessoas recebiam ajuda financeira e mesmo assim auxiliavam, em menor quantidade, outros filhos ou sobrinhos. Apesar de ocorrer com bastante freqüência, este tipo de auxílio não era mensal.
- Os idosos se revelaram menos incomodados em ofertar auxílio a outras pessoas do que receber.
- Apesar de o idoso ser ao mesmo tempo doador e receptor de ajuda, nem sempre ocorriam relações de troca, ou seja, quem ofertava nem sempre era a mesma pessoa que recebia e vice-versa. Contudo, foi possível observar a existência das relações de troca entre o idoso e seus familiares ou amigos.

Os idosos dizem não se sentirem sozinhos ou não ficarem sozinhos e advertem, com veemência, que não desejam ficar ou se sentirem sozinhos. Os relatos revelam a incontestável tentativa desses idosos de buscar e conseguir interlocução com parentes e amigos não apenas quando se sentem impotentes, como diante de episódio de doenças. Na verdade, ao seguir o roteiro de introduzir a discussão sobre as relações de troca os depoimentos obtidos deixaram claro que os idosos entrevistados viram nesse momento a oportunidade de explicitar não a troca de recursos financeiros, mas sim a troca de afeto, calor humano e carinho que eles dizem estarem sempre buscando e consideram como o combustível indispensável para mantê-los confiantes.

O discurso que deles pareceu ecoar foi que não existiam idosos isolados, mas sim formas distintas de se relacionarem com familiares e amigos. Distintas

porque não marcadas apenas por trocas financeiras, mas também, e principalmente, por trocas de carinho.

Do ponto de vista psicológico ou das relações interpessoais, com base nas entrevistas realizadas com os idosos, o balanço é amplamente favorável. Resta saber se, no plano objetivo, material, o país, os estados ou os municípios contam com políticas que visem garantir a essas pessoas condições de sobrevivência que lhes permitam menos incerteza quanto ao futuro. Fala-se, assim, de condições adequadas de moradia, de deslocamento, de atendimento médico. Ou seja, diversos tipos de apoio que o poder público poderia suprir, a fim de que os idosos desfrutem os anos que lhes restam sozinhos, caso desejem, mas com qualidade de vida e alegria.

É certo que tem havido ações individuais por pessoas que, mesmo não tendo parentes morando sozinhos, têm ajudado amigos, conhecidos ou vizinhos que moram sozinhos, seja com afeto, companhia, cuidado ou no transporte de compras. Porém, o que se pode concluir pelos relatos dos idosos é que pouco tem sido feito em termos de ações coletivas para apoiá-los.

Assim, as estratégias pessoais, com a participação de amigos e familiares, ainda são as principais ferramentas para lidar com as dificuldades que surgem no dia-a-dia. Ao que parece, o ambiente familiar ou o seu grupo de amigos de convivência constituem o porto seguro dos idosos entrevistados que moravam sozinhos em Belo Horizonte, em 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, O. P., ALMEIDA, S. A. Confiabilidade da versão brasileira da Escala de Depressão em Geriatria (GDS) versão reduzida. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 57, n. 2B, p. 421-426, jun., 1999.

AQUINO, F. T. M.; CABRAL, B. E. S. O idoso e a família. In: FREITAS, E. V. *et al. Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. cap. 128, p. 1056-1060.

ALVES, L. C. Determinantes da autopercepção de saúde dos idosos do município de São Paulo, 1999/2000. 2004. 77f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BERQUÓ, E.; CAVENAGUI, S. M. Oportunidades e fatalidades: um estudo demográfico das pessoas que moram sozinhas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11., 1988, Olinda. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1988. v.1, p.155-182.

BERTOLUCCI, P. H. F. *et al.* O mini-exame do estado mental em uma população geral: impacto da escolaridade. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 1-7, mar. 1994.

CAMARGOS, M. C. S. Dependência na velhice: um estudo descritivo da principal pessoa que auxilia o idoso nas AVD/AIVD, município de São Paulo, 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, 2004, Caxambu. *Anais...* Campinas: ABEP, 2004. 18p.

CAMARGOS, M. C. S. *Enfim só: um olhar sobre o universo de pessoas idosas que moram sozinhas no município de Belo Horizonte (MG)*, 2007. 126f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CAMARGOS, M. C. S., MACHADO, C. J., RODRIGUES, R. N. A relação entre renda e morar sozinha para idosas mineiras, 2003. In: XII Seminário Sobre A Economia Mineira, 2006, Diamantina. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2006. 17p.

CAMARGOS, M. C. S., MACHADO, C. J., RODRIGUES, R. N. A relação entre renda e morar sozinho para idosos paulistanos, 2000. *Rev. Bras. Est. Pop.*, v. 24, n. 1, p. 37-51, jan./jun., 2007

CAPITANINI, M. E. *Sentimento de solidão, bem estar subjetivo e relações sociais em idosas vivendo sós*. 2000. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GEIB, S. *Associação entre capacidade funcional e qualidade de vida de idosos da comunidade que moram sozinhos no município de São Paulo*. 2001 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2001.

GLASER, K. The living arrangements of elderly people. *Reviews in Clinical Gerontology*, London, v. 7, n. 1, p.63-72, Jan. 1997.

GUZMÁN, J. M., MONTES DE OCA, V. Redes de apoio social de personas mayores: marco teórico conceptual. In: SIMPOSIO VIEJOS Y VIEJAS: PARTICIPACIÓN, CIUDADANÍA E INCLUSIÓN SOCIAL. 2003. Santiago de Chile. *Anais...* Santiago de Chile: CEPAL, 2003. 20 p.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2007. Rio de Janeiro, 2007.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2009. Rio de Janeiro, 2009.

LARSSON, K.; SILVERSTEIN, M. The effects of marital and parental status on informal support and service utilization: a study of older Swedes living alone. *Journal of Aging Studies*, New York, n.18, n. 2, p. 231-244, May 2004.

LARSSON, K.; THORSLUND, M. Does gender matter? Differences in patterns of informal support and formal services in a Swedish urban elderly population. *Research on Aging*, Thousand Oaks, Calif, v. 24, n. 3, p. 308-336, May, 2002.

LEME, L. E. G.; SILVA, P. S. C. P. O idoso e a família In: PAPALÉO-NETTO, M. (Org.) *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002. cap. 9, p. 92-97.

MARTELETO, L. J.; NOONAM, M. C. Las abuelas como proveedoras de cuidado infantil en Brasil. In: GOMES, C. (Comp.) *Procesos sociales, población y familia: alternativas teóricas y empíricas en las investigaciones sobre vida doméstica*. México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2001. cap. 14. p. 377-394.

PEZZIN, L. E.; SCHONE, B. S. Parental marital disruption and intergenerational transfers: an analysis of alone elderly parents and their children. *Demography*, Chicago, v. 36, n. 3, p. 287-297, Aug., 1999.

RAMOS, M. P. Apoio social e saúde entre os idosos. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 7, p. 156-175, jan./jun., 2002.

ROSA, T. E. C. . Redes de apoio social. In: LITVOC, J.; BRITO, F. C. (Org.). *Envelhecimento: prevenção e promoção de saúde*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004. cap. 14 , p. 203-218.

SAAD, P. M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. (Org.) *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. cap.8, p.251-280.

SAAD, P. M. Transferências de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (Org.) *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004. cap. 6, p. 169-209.

TEIXEIRA, A. L.; BECKER, F. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. *Sociologias*, Porto Alegre, jan./jun. v. 3, n. 5, p. 94-113, 2001

UNITED NATIONS. *Living arrangements of older persons around the world*. New York, 2005. 218p.

WEITZMAN, E. A.; MILES, M. B. *Computer programs for qualitative data analysis: a software sourcebook*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995. 371p.